

Meu Lugar na UFRGS



BRUNA GOSS/JU

Serviço padrão

– Posso jogar o chapéu para a plateia?
– Não, porque, se o barrete for extraviado, tu terás de pagar à produtora!
– E se meu pé enrolar na serpentina, eu tropeçar e cair?
– Não haverá serpentina; nem confete, muito menos chuva de papel picado...

Nos períodos de formatura, com quantas piadinhas dessas Cláudio Alberto Vargas Martins precisa lidar? Para a conclusão do semestre 2008/2, foram agendadas 41 colações de grau de dezembro a março. Em média, são três ensaios para formatura por dia. O técnico do Salão de Atos responde a todas as brincadeiras com a maior seriedade e se mostra corajoso: "Mas alguma dúvida?"

Ocupando o cargo de porteiro no quadro da Universidade, Cláudio é responsável pelo cerimonial das conclusões de graduação e faz questão de ensaiar todos os formandos para a colação de grau. Ele afirma gostar da função e assegura que uma só pessoa conduzindo o treino garante que todos os cursos tenham os mesmos rituais: "Mesmo que o Joel, colega meu, ou o Mozart, venha trabalhar no dia da cerimônia, o padrão é o mesmo".

Em toda a sua fala, o servidor demonstra muita preocupação com a padronização e a ordem do que ocorre naquele espaço da UFRGS para grandes eventos. Cláudio conta que existem normas para a utilização do local. "Em primeiro lugar, preservar o patrimônio do Salão de Atos. Em segundo - uma norma muito batida por nós que as empresas às vezes não gostam de respeitar -, a sobriedade da decoração. Uns querem fazer algo tipo um circo, um megashow numa formatura." A orientação da equipe é que a decoração seja feita com toalhas e arranjos de flores, "sempre procurando ser baixinho e discreto, nada espalhafatado. Para que não se torne esculhambação, senão vem uma aqui e quer trazer canhão de luz, vem outra e quer trazer um show para os estudantes. 'Medicina' tem dinheiro e pode pagar um show; a 'História', coitada, não tem tanto dinheiro assim e não pode pagar". O funcionário enfatiza que, para não haver discrepâncias entre uma cerimônia e outra, o que o Salão oferece para os formandos é o mesmo em todos os cursos.

O Salão de Atos da Universidade firma um contrato com as produtoras de formaturas para o cumprimento das regras (determinação da quantidade de equipamentos e decoração, por exemplo). Todas as produtoras são convocadas para

uma reunião antes do período de colações e informadas do que podem ou não organizar. "Elas têm de concordar com isso; são as normas da casa!", diz Cláudio. Perguntado sobre o que ocorre se as normas forem desrespeitadas, o técnico responde: "A gente não deixa acontecer". Ele narra um episódio em que outro funcionário do Salão, Joel, o alertou sobre várias torres com panos estendidos montadas no palco, inclusive atrás da mesa das autoridades. "Ele me perguntou se eu tinha deixado montar, e eu não tinha visto. Fui lá e mandei tirar tudo. Eles retiraram."

Foi de Cláudio a ideia de a equipe de apoio a formaturas usar traje social em cerimônias acadêmicas. "Fui fazer um evento no Hospital de Clínicas, no teatro deles, e vi os funcionários do HCPA todos de terno. Achei bacana aquilo." Então, reivindicou à Proreitoria de Extensão que providenciasse ternos de microfibra escuros para manter a elegância e recepcionar melhor o público, ficando no mesmo nível dos visitantes e despertando respeito. Foi feita uma licitação e adquiridos os trajes. O servidor explica que, mesmo em eventos que não são promovidos pela UFRGS, a equipe procura vestir preto, que é o padrão no meio artístico para guardar a discrição.

O técnico costuma falar que o Salão é o terminal da fábrica de fazer formandos. A importância do seu trabalho para a Universidade é justamente apresentar à sociedade o seu produto: "É a saída como profissionais".

O 'teatro', como Cláudio chama, tem capacidade para 1.309 pessoas sentadas. Além dele, há a Sala II, com 266 cadeiras. O Salão de Atos tem ainda duas salas de apoio (onde os graduandos vestem as togas e fazem as fotografias), uma sala VIP e sete camarins. "Passam 500 mil pessoas por aqui durante um ano, de índio a intelectual. Pô, é um local magnífico de trabalhar! Então, esse é o meu lugar", conclui.

Caroline da Silva

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história - ou a de alguém que você conheça - com esse local

Perfil De médico a professor

Opção pela História
Cesar Guazzelli abandonou a carreira de neurocirurgião para estar em sala de aula

Ânia Chala

A vida de Cesar Augusto Barcellos Guazzelli teve uma guinada profissional incomum: neurocirurgião, optou por dedicar-se à carreira de professor universitário. Nascido em Porto Alegre em 1951, aqui morou até os três anos de idade, quando sua família mudou-se para Vacaria, cidade natal de seu pai, o advogado criminalista Eloar Guazzelli. "Lá vivemos até 1963, quando retornamos à capital. Fiz o ginásio e o científico, que equivalia àquela época ao segundo grau, no Colégio de Aplicação. Em 1970, ingressei na Faculdade de Medicina da UFRGS, me formando em 13 de dezembro de 1975. Cursei a residência, trabalhando primeiro como neurocirurgião e depois como neurologista."

Depois de quase uma década de exercício profissional, decidiu prestar vestibular para o curso de História em 1984. A explicação para essa mudança está no relato autobiográfico publicado na revista *Anos 90*, do Programa de Pós-graduação em História: "[...] para satisfazer uma antiga demanda pelas angústias que as Ciências Humanas debatiam e que o Curso de Medicina fora avaro em oferecer; ou talvez puro diletantismo; ou, quem sabe, um certo enfado por discussões sem uma maior base teórica e empírica sobre o Brasil, a América Latina, a democracia, o socialismo, a ditadura, a revolução, a verdade, e por aí afora!".

Paralelamente, em 1986, Guazzelli foi admitido no mestrado da Medicina, tendo seguido por dois anos com ambos os cursos. "Além disso, continuei mantendo o consultório, atividade que só interrompi em 1988, quando recebi uma bolsa sanduíche da Capes e fui fazer minha pesquisa na Argentina", lembra.

Rebaixado - 1988 foi um ano atípico: depois de passar alguns meses em Buenos Aires, Guazzelli inscreveu-se no concurso para professor da UFRGS na área de História da América e foi classificado em segundo lugar. "Havia apenas uma vaga, que foi ocupada por minha colega Cláudia Wassermann. Porém, em novembro, quando retornei da Argentina para passar meu aniversário com a família, fiquei sabendo que haviam surgido novas vagas por aposentadoria de professores. Assim, em 18 de novembro de 1988 tornei-me professor auxiliar do Departamento de História. Foi então que abandonei definitivamente a Medicina, decisão da qual jamais me arrependi."

Para Guazzelli, uma das melhores lembranças daquele ano foi o período



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

de vivido na capital portenha. "Sou apaixonado por aquela cidade. Tive de ficar longe de casa, o que foi difícil, porque já era casado e meu filho mais velho tinha 1 ano e meio. Mas me integrei a um grupo de argentinos e brasileiros que se reunia para conversar, fazer festa, ouvir música."

O professor revela que não enfrentou resistência alguma por parte da família na hora de trocar de carreira. "No entanto, meu pai continuou me apresentando às pessoas como 'seu filho neurocirurgião'. O mais engraçado foi quando dona Doralice, a nossa faxineira, começou a dizer que todos choravam sem parar, porque eu havia sido rebaixado de doutor a professor."

O professor universitário deve assumir funções administrativas, porque elas são uma oportunidade de influir nos rumos institucionais

Mocinhos e bandidos - Da infância, o professor conservou a paixão pelo cinema e pelo *western* americano. Ele recorda que suas brincadeiras de guri eram todas na rua e que seus modelos eram os heróis das matins de domingo. "Normalmente eram sessões duplas com um intervalo no meio. Antes da sessão, na fila de entrada, havia a troca de gibis. De-

pois do intervalo, vinha um seriado, que era o mais importante. Os *westerns* predominavam." Guazzelli observa que a troca de gibis é um hábito que ainda persiste, não mais nos cinemas, mas nos biques de final de semana, em que as pessoas se reúnem para trocar revistas que hoje são raridades.

Segundo ele, o trabalho do historiador e do médico se assemelha. "Na Medicina, a partir de determinado conjunto de observações, sintomas e sinais, montamos um quadro clínico. Isso é também o que o historiador faz, pois, partindo de dados e indícios, procuramos reconstituir fatos do passado."

Outra característica herdada da prática médica é a capacidade de discernir o que é realmente urgente. "Quando todos ficam apavorados com os prazos de relatórios e questões burocráticas, sempre digo que urgência é uma cabeça quebrada, o resto tem tempo para se resolver."

Como historiador, Guazzelli considera importante a concessão de entrevistas e a participação em programas de rádio e televisão. "Os professores têm muita resistência em participar desses programas, porque acham que a imprensa distorce e simplifica o tratamento de determinadas questões. Penso que, quando deixamos de comparecer, perdemos um espaço importante para a defesa de nossas ideias." Até abril, ele estará à frente da vice-direção do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Depois, tem planos de se dedicar com mais intensidade às aulas na graduação e na pós-graduação do curso de História.

Finalmente, Guazzelli entende que o professor universitário deve assumir funções administrativas, porque elas são uma oportunidade de influir nos rumos institucionais: "Alguns colegas se queixam do acúmulo de funções acadêmicas e administrativas, mas acho que isso faz parte do trabalho numa universidade pública. Mesmo com todos os problemas, é melhor do que entregar a gestão a uma empresa privada."